



Da Enciclopédia de Procusto: análise da genericidade da enciclopédia atual do sexo

 <https://doi.org/10.47236/2594-7036.2026.v10.1929>

João Antônio Lopes da Silva¹
Rony Petterson Gomes do Vale²

Data de submissão concluída: 17/11/2025. Data de aprovação: 3/2/2026. Data de publicação: 5/5/2026.

Resumo – A análise da genericidade é fundamental para compreensão da enunciação, pois o gênero não só orienta as expectativas do leitor, mas também delimita os espaços restritivos e inventivos na produção, guiando o enunciador. Para um texto pertencer a certo gênero, deve respeitar delimitações. Nesse aspecto, o presente artigo visou analisar a genericidade da *Enciclopédia Atual do Sexo* (Knox, 1981). Utilizamos os procedimentos da Análise do Discurso, especificamente da Semiologia de Charaudeau (2004, 2008, 2012) e Maingueneau (2006). Analisamos as marcas formais, os modos de organização discursivos e as visadas constitutivas. Por meio da análise, observamos que a *Enciclopédia Atual do Sexo* não possui características de *enciclopédia*, só as *imita* como forma de fagocitar o prestígio do gênero enciclopédico.



Palavras-chave: Análise genérica. Enciclopédia atual do sexo. Enciclopédias. Gêneros do discurso. Teoria Semiológica.



The Procrustean Encyclopedia: genericity analysis of enciclopédia atual do sexo

Abstract – Genericity analysis is fundamental for the comprehension of enunciation, since the genre not only guides the reader's expectations, but also delimits the restrictive and inventive spaces in production, leading the enunciator. To be part of a determined genre, it must respect such restrictions. Therefore, this article aims to analyze the genericity of the *Enciclopédia Atual do Sexo* (Knox, 1981). We used the procedures of Discourse Analysis theories, specifically from Charaudeau (2004, 2008, 2012) and Maingueneau's (2006) Semiology. The formal markers, the discursive modes of organization, and the constitutive aims were analyzed. Through this analysis, we observed that the *Enciclopédia Atual do Sexo* does not possess encyclopedia characteristics; it merely imitates them as a way of absorbing the prestige of the encyclopedics.

Keywords: Generic analysis. Enciclopédia atual do sexo. Encyclopedias. Discourse genres. Semiological theory.

De la Enciclopedia de Procusto: análisis de la genericidad de la enciclopédia atual do sexo

¹ Graduando em Letras – Português e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, Minas Gerais, Brasil. joao.silva20@ufv.br  <https://orcid.org/0009-0006-7760-834X>  <http://lattes.cnpq.br/3767243695933799>.

² Doutor em Linguística do Texto e do Discurso pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor Associado no Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, Minas Gerais, Brasil. ronyvale@ufv.br  <https://orcid.org/0000-0002-0123-9828>  <http://lattes.cnpq.br/5226735709539513>.

Resumen – El análisis de la genericidad es fundamental para la comprensión de la enunciación, pues el género no solo orienta las expectativas del lector, sino que también delimita los espacios restrictivos e inventivos en la producción, guiando al enunciador. Para que un texto pertenezca a cierto género, debe respetar sus delimitaciones. En este aspecto, el presente artículo buscó analizar la genericidad de la Enciclopedia Actual del Sexo (Knox, 1981). Utilizamos los procedimientos del Análisis del Discurso, específicamente de la Semiología de Charaudeau (2004, 2008, 2012) y Maingueneau (2006). Analizamos las marcas formales, los modos de organización discursivos y los objetivos constitutivos. A través del análisis, observamos que la Enciclopedia Actual del Sexo no posee características de enciclopedia, solo las imita como forma de fagocitar el prestigio del género enciclopédico.

Palabras clave: Análisis genérico. Enciclopedia actual del sexo. Enciclopedias. Géneros del discurso. Teoría Semiolingüística.

Introdução

Normalmente, os textos pertencem a um determinado tipo relativamente estável de enunciado, isto é, a um determinado gênero do discurso (Bakhtin, 2016). A genericidade de um enunciado aponta para importantes pistas sobre sua situação de produção e orienta possíveis enunciatários sobre *o que esperar desse texto*. Aliás, todo gênero possui determinadas características que lhe são prototípicas, seja no âmbito do material semiótico empregado em sua construção, seja no âmbito do uso social que se faz de tal texto.

Entre os diversos gêneros presentes nas mais diversas esferas da atividade humana, encontram-se as Enciclopédias. Esses conglomerados de conhecimento na forma de linguagem orientam seus leitores sobre os variados temas, de modo impessoal e filiado às diversas ciências e artes. Em decorrência disso, carregam certo prestígio na condição de fonte legítima de acesso à informação.

Nesse sentido, o presente artigo visa analisar a genericidade da *Enciclopédia Atual do Sexo* (Knox, 1981), obra dividida em quatro volumes que abarcam diversas temáticas da vida sexual e matrimonial. Para tal, utilizamos o arcabouço teórico e metodológico da Análise do Discurso, mais precisamente na perspectiva das propostas de Charaudeau (2004, 2008, 2012) e Maingueneau (2006), através da análise dos modos de organização do discurso e das visadas constituintes dos textos presentes na *Enciclopédia Atual do Sexo* (doravante *EAS*). Com base nisso, procuramos caracterizar a genericidade da *EAS*, observando se ela trata dos fatos sexuais nos moldes de uma enciclopédia ou se apenas *imita* o prestígio do gênero *enciclopédia*.

Da *en kykloi paideia* à *enciclopédia*

A *Enciclopédia*, como todo gênero, possui uma tradição histórica de desenvolvimento, não nascendo *no vácuo*, mas sim através de diversas transformações de gêneros anteriores. Desde a Antiguidade, os povos já desenvolvem formas textuais de organização do conhecimento. Em sua origem, o termo grego *en kykloi paideia* remete a uma forma de compreensão de um sistema completo de aprendizagem; posteriormente, o termo foi utilizado como base para a noção moderna de *encyclopédie*, no francês, que por sua vez é o ponto de referência para a palavra em língua portuguesa *enciclopédia* (Barsa, 1994 - verbete *Enciclopédia*). Ainda conforme a *Enciclopédia Barsa* (1994), já nos séculos I e II,

pensadores latinos e gregos organizavam os conhecimentos das diversas ciências, das artes e da filosofia em escritos com algum grau de sistematização.

Com o acúmulo de saberes e as mudanças ao longo dos séculos, as formas de organização e armazenamento do conhecimento foram se modificando. Na Idade Média, de acordo com Eco (2021), uma nova preocupação para os enciclopedistas surge: a correta interpretação dos textos sagrados. Devido ao deslocamento temporal entre a produção do texto bíblico e sua interpretação no período medieval, diversos elementos culturais haviam-se modificado ou se perdido (tradições, nomes de locais, fenômenos históricos, etc.), sendo necessário recuperar um saber enciclopédico para a correta interpretação bíblica, principalmente das metáforas presentes no texto sagrado para os cristãos. É nesse contexto que surge o *Physiologus* (*Fisiólogo* ou *Bestiário*) de autoria incerta, atuando como enciclopédia de metáforas, de modo que explicasse certas passagens bíblicas. Ainda na Idade Média, o pensamento hierárquico das criaturas presente no cristianismo medieval atuaria diretamente no modo de organização das enciclopédias medievais. Ainda segundo Eco (2021), o *De Proprietatibus Rerum*, obra do século XIII, de Bartolomeo Angelico, estabelecia uma ordem mnemônica de apresentação das entradas, começando pelos temas ligados ao Sagrado, passando para os temas humanos, dos animais, dos seres inanimados, etc., representando na organização o pensamento hierárquico cristão de *ordem das coisas*.

Além de se desenvolverem como obras autônomas, as *enciclopédias* tiveram profunda influência de outro gênero: o *dicionário*³. Nesse sentido, já no século XVI, os diversos dicionários de língua latina reservavam seções dedicadas aos aspectos da cultura e da história romana, elencando não apenas conhecimentos linguísticos, mas também abrindo espaços para conhecimentos propriamente enciclopédicos (Silveira, 2006). Os dicionários foram espaços fecundos para a organização do conhecimento e sua administração, principalmente nos dicionários especializados, pois:

Muito antes da Enciclopédia [de Diderot e D'Alembert no século XVIII] encontram-se tentativas de síntese do conhecimento, sob a forma de dicionários de língua com descrições alargadas dos referentes, dicionários das artes e das ciências (dicionários terminológicos) e dicionários históricos. O discurso enciclopédico moderno foi decisivamente moldado a partir de finais do século XVII, sobretudo pela publicação de um conjunto de dicionários franceses, que influenciaram a produção de obras similares nas principais línguas europeias (Silveira, 2006, p. 2).

Já na Idade Moderna, a enciclopédia sofreu radicais mudanças, quando se principia o abandono do modelo arbóreo de organização. Até então, os enciclopedistas organizavam os conhecimentos por ramos em comum, buscando estabelecer relações de pertencimento (a exemplo, a citada *De Proprietatibus Rerum*, de Bartolomeo Angelico), entretanto, muitas vezes isso resultava na problemática de

³ Adotando aqui a concepção genérica de *dicionário* presente em Costa (2008, p. 103): “compilação completa ou parcial de unidades léxicas (palavras, locuções, afixos, etc.) ou de certas categorias específicas de uma língua, organizadas numa ordem convencional, geralmente alfabética, que pode fornecer, além das definições, informações sobre sinônimos, antônimos, ortografia, pronúncia, classe gramatical, etimologia, etc. Há dicionários de vários tipos, sendo mais comuns aqueles em que os sentidos das palavras de uma língua ou dialeto são dados em outra língua (ou em mais de uma) e aqueles em que as palavras de uma língua são definidas por meio da mesma língua. Na lexicologia, por extensão de sentido, dicionário pode ser usado como equivalente a glossário (v.), vocabulário (v.), com compilações várias, ou de vocábulos, de opiniões, ideias ou de informações sobre alguma área do saber ou fazer humanos, etc., como este dicionário”.

“onde encaixar isso?”, pois diversos itens poderiam se associar a mais de uma área do conhecimento ou a mais de um ramo arbóreo. Para Eco (2021), é no Iluminismo que se acentua uma nova forma de organização, a de *mapa-local*. Nessa forma, a preocupação deixa de ser *onde encaixar* um conhecimento para ser *como apresentá-lo*. Passa-se então a apresentar o máximo sobre um conhecimento, apresentando-o de modo polidimensional, como um fragmento completo de um mapa geral do conhecimento, daí a mudança da estrutura arbórea (de filiação do conhecimento em áreas) para o modelo alfabético ou para o cronológico. Evidentemente, tal transformação se relaciona com os intensos avanços científicos do período iluminista e, por conseguinte, a necessidade de administrar esses conhecimentos.

É nesse contexto que surge, na França do século XVIII, a *Enciclopédia* de Diderot e D’Alembert (1751-1772). A obra, organizada em diversos volumes, mantém ainda uma divisão temática (cada volume dedicado a uma área específica), mas já apresentando ordem alfabética e um índice de consulta, orientando o leitor para a sua leitura (Silveira, 2006). O empreendimento de Diderot e D’Alembert é por vezes atribuído como o exemplar original do que hoje se entende como *Enciclopédia*, e, mesmo que haja uma longa tradição enciclopédica como apresentado, é inegável que a obra francesa do século XVIII serviu como modelo para diversas produções posteriores.

Ademais, com inovações tecnológicas da era moderna e as diversas mudanças nos meios de comunicação, houve alteração significativa na organização das enciclopédias. Conforme apontam Maia e Velloso (2020), a invenção da imprensa teve papel fundamental na ampliação de enciclopédias e, mais significativamente, de dicionários, popularizando seu uso por novos perfis sociais. Também as mudanças no mundo das comunicações no século XX intensificaram ainda mais a necessidade de administração do conhecimento (Barsa, 1994).

Por uma definição de *enciclopédia*

Através da consulta ao verbete *enciclopédia* em diversos dicionários⁴ e enciclopédias⁵, é possível identificar algumas características basilares desse gênero. Em primeiro lugar, o papel das enciclopédias em condensar diversos conhecimentos, algumas abrangendo o conhecimento como um todo, outras, apenas um recorte desse conhecimento por área temática (enciclopédias destinadas apenas às ciências médicas, à agricultura, à linguística, à filosofia, etc.). Em segundo lugar, a sua organização em diversos volumes por critérios alfabéticos, temáticos ou um misto desses dois critérios. Em terceiro lugar, a tendência da obra enciclopédica se materializar em diversos volumes, formando uma coletânea.

Observando os espaços paratextuais de enciclopédias, também é possível observar algumas características notáveis. Em espaços como prefácios, posfácios,

⁴ A saber, foram consultados os verbetes *enciclopédia* nos dicionários Houaiss (2009, p. 749), Larousse Cultural (1992, p. 406) e Ferreira (2010, p. 284).

⁵ A saber, foram consultadas as enciclopédias Barsa (1994), Einaudi (Gil; Rodrigues, 1984), esta uma enciclopédia que se organiza tematicamente, e a *Encyclopedia e Diccionario Internacional [s/d]*, todas em seus verbetes relativos à *enciclopédia*, além disso foram consultados os elementos paratextuais (prefácios, posfácios, notas do editor, apresentações, etc.) dessas obras quando presentes. Ademais, a fim de buscar uma enciclopédia que destoasse um pouco das demais, também se consultou a *Enciclopédia Filosófica* (Corbister, 1987), obra de volume único e conteúdo mais especializado - não aborda todos os temas do conhecimento, apenas um, a filosofia - se comparada às demais.

notas do editor, apresentação, etc.⁶, as enciclopédias pensam sobre sua própria atuação e dão informações preciosas sobre sua organização interna. Primeiro, há momentos no qual se indica como proceder à leitura, isto é, elencando se a organização é alfabética ou cronológica e se os diversos volumes se organizam tematicamente ou não. Segundo, há espaço de crédito para os diversos colaboradores que construíram os verbetes, pois, mesmo que haja um grande organizador, as enciclopédias contemporâneas são construções coletivas, não de um grande demiurgo.

Já no interior das enciclopédias, nota-se que sua organização se dá essencialmente por verbetes, que são, em sua maioria, bem curtos, possuem linguagem referencial, com rico uso de termos técnicos e dados temporais, geográficos ou numéricos. Por vezes, um verbete *aponta* para outros verbetes, geralmente através de formas como *consultar X*, *ver Y* e *conforme Z*. Isso se dá porque o conhecimento não é uma peça nuclear isolada, mas sim um ponto interconectado com diversos outros numa teia cognitivo-semântica. Faz-se necessário, porém, ressaltar uma exceção em enciclopédias temáticas: a forma do verbete por vezes é tomada pela forma do capítulo, notoriamente mais extenso, geralmente com sua autoria destacada. Seja em enciclopédias gerais, seja em enciclopédias temáticas, a presença de imagens ilustrativas se faz presente, isto é, a enciclopédia é um gênero que não se limita apenas ao signo linguístico, mas também se apropria de signos de outras semioses. Com efeito, é possível conceber a *enciclopédia* como:

ENCICLOPÉDIA (v. DICIONÁRIO, GLOSSÁRIO, NUPÉDIA, TWICTIONARY, VOCABULÁRIO, WEBOPÉDIA, WIKIPÉDIA): obra, em forma de *dicionário* (v.), isto é, que, seguindo o critério de apresentação alfabético ou temático dos *verbetes* (v.) ou artigos (v.), reúne, de maneira muito abrangente, os conhecimentos humanos ou apenas um domínio deles e os expõe de *maneira ordenada e metódica* (Costa, 2008, p. 112, grifos nossos).

Conforme a citação de Costa (2008), nota-se uma relação de aproximação formal com o *dicionário* e uma relação de composição do gênero enciclopédico com o *verbeta*. No que diz respeito aos dicionários, a aproximação entre eles e as enciclopédias se dá (além de sua tradição histórica) pela organização alfabética comum em ambos, quase tratando *dicionário* como sinônimo de *alfabético*.

Já os *verbetes* são as unidades que compõem as enciclopédias e os dicionários. Entretanto, não se trata apenas de um aspecto composicional numérico, pois, como aponta Costa (2008), diversos aspectos são característicos desse gênero, como predominância de definições, presença de exemplificações, uso de informações especializadas, linguagem referencial (em oposição a gêneros com linguagem mais poética ou emotiva), e sua filiação a diversos campos do conhecimento humano. Em síntese, o verbete é um gênero igualmente importante para a compreensão das enciclopédias, pois mudanças em seus aspectos prototípicos podem afetar a integridade de uma enciclopédia em se caracterizar como tal.

A estruturação em verbetes⁷ se relaciona diretamente com a forma de leitura das enciclopédias e seu papel social, isto é, de *pinçar* informações e de ser um meio

⁶ Entende-se que o nome da seção pode ser muito diverso, mas que, independente do rótulo, atua de modo similar, informando ao leitor sobre a própria obra que lê.

⁷ Ainda destacando o papel dos verbetes, Dionísio (2002) demonstrou que possuir verbetes não significa necessariamente ser uma enciclopédia ou dicionário. Em sua análise da transposição do

de armazenar conhecimento. O verbete condensa as informações de um tema específico, não sendo necessária a leitura de todos os verbetes anteriores para a compreensão de um, por isso a leitura ocorre de modo que seja selecionado apenas um fragmento da enciclopédia. Com efeito, essa organização em verbetes permite um armazenamento do conhecimento de forma otimizada. De acordo com Burke (2012), as enciclopédias possuem papel de organizar e armazenar conhecimentos (mais amplos ou mais específicos), e, progressivamente ao avanço das investigações científicas, tornam-se mais extensas. Se, por um lado, a organização de informações sobre essa forma genérica permite melhor manuseio da informação; por outro, os avanços científicos da modernidade até a contemporaneidade fazem urgir a necessidade de expansão das enciclopédias em uma série de volumes, em vez de um volume único. Desse modo, outro elemento fundamental das enciclopédias se evidencia: sua serialização, isto é, sua tendência em formar coletâneas para que mais conhecimento seja englobado e melhor armazenado.

Enciclopédias no Brasil

A primeira tentativa de elaboração de uma enciclopédia nacional se deu em 1938, pelo escritor modernista Mário de Andrade, mas sem êxito (Nunes, 2012). Nas décadas posteriores, a coletânea *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, sob coordenação da *Editorial Enciclopédia Ltda*, foi formulada contemplando aspectos da história, cultura e geografia dos dois países lusófonos, colocando em perspectiva o elo colonial entre as duas nações como fio condutor. Apenas em 1959, sob autoria da editora Mérito, a *Enciclopédia Brasileira Mérito*, que se apresentava exclusivamente como brasileira, sem o vínculo colonial, chegava ao público. Nos anos 1960, passam a ser editadas para o público brasileiro versões de diversas enciclopédias europeias, como a *Larousse*, a *Britannica* e a *Einaudi*. Somente nos anos 1980 houve espaço de ampliação das coletâneas para públicos mais diversos. É exemplo disso a coletânea *Enciclopédia Ilustrada do Brasil*, viabilizada pela Bloch Editores em 1982, que elencou temas da história, geografia e cultura nacional.

É nesse contexto de popularização do conhecimento que é lançada no Brasil a coletânea *EAS* (Knox, 1981), organizada em quatro volumes. A *EAS* abarca diversos temas da vida sexual (desenvolvimento sexual, ISTs, práticas sexuais, etc.), e outros temas não tão correlatos ao sexo (vida religiosa dos casados, moralidade do aborto, legislação do divórcio, etc.), todos os temas sob uma abordagem “enciclopédica”, conforme informa o título. Entretanto, parece haver certa dificuldade de fazer essa *EAS* se enquadrar no gênero discursivo/textual *enciclopédia*.

Dos gêneros do discurso

Conforme Bakhtin (2016), a problemática dos gêneros se enquadra em paralelo com a problemática da enunciação, uma vez que os gêneros são tipos relativamente estáveis de enunciados, que se dão em uma cadeia dialógica. Mas não apenas isso, a concepção bakhtiniana também coloca em primeiro plano como o gênero é um espaço que une ação social e ação linguageira (Fiorin, 2022). Uma vez que não há

verbetes para outros gêneros, a autora averiguou a presença de verbetes em obras de natureza distinta, como nas matérias jornalísticas. Entretanto, nesses casos ocorre uma intertextualidade intergenérica, isto é, um gênero adota a função de outro, no caso, o verbete adota a função de expandir o vocabulário ou de permitir uma determinada interpretação de um segmento do texto.

discurso adâmico⁸, toda enunciação se dá em um constante diálogo com o que foi dito até então, isto é, entre o enunciado presente e os diversos enunciados passados. Esse princípio do dialogismo entre os enunciados perpassa toda produção linguageira humana, ou seja, sempre que um novo enunciado é produzido, há uma cadeia passada à qual ele se relaciona e uma nova cadeia à qual ele se relacionará (Bakhtin, 2016). Nesse sentido, visto que todo enunciado se enquadra em determinado gênero, o gênero não se enquadra como categoria abstrata de análise, mas sim como a materialização em uma série de enunciados que estabelecem relações de proximidade entre si, permitindo uma mesma classificação.

Os gêneros, nessa concepção, são amálgamas de material linguageiro e material cultural. Como exposto por Machado (2012), para além de formas de composição, os gêneros deixam marcas dos aspectos culturais dos seus respectivos momentos de produção, isto é, são dispositivos que organizam, transmitem, armazenam e, principalmente, criam determinadas mensagens que se relacionam diretamente à situação de comunicação que o concebeu. Assim, para além das classificações formais, toda análise genérica deve perpassar pelo enquadre da função social que um determinado gênero exerce num determinado espaço-tempo.

Ainda sob a perspectiva de Bakhtin (2016), os gêneros podem ser primários ou secundários. Os primários se ligam às situações de comunicação imediata, da vida cotidiana dos sujeitos falantes, e são majoritariamente (mas não apenas) orais. Por sua vez, os secundários se ligam às atividades sociais ligadas às esferas mais complexas da organização humana (como a religião, a política, a mídia, etc.), são majoritariamente (mas não apenas) escritos, e se formam a partir dos gêneros primários, através da complexificação e ressitucionalização pela perda do contato com a comunicação imediata e oral destes. É fundamental destacar que, por vezes, os gêneros primários são hibridizados com gêneros secundários ou aglutinados por estes (Fiorin, 2022), não se tratando de categorias estanques.

Além disso, a relação entre os gêneros também é de ordem genealógica. Conforme Todorov (1980), a origem dos gêneros se dá através dos gêneros anteriores renovados às novas necessidades comunicativas. Dessa forma, um gênero não nasce no vácuo, mas sim da memória dos diversos gêneros que estão em circulação, os quais os falantes dominam e atualizam conforme as situações de comunicação em que se encontram. Inclusive é necessário frisar que os gêneros por si só não são categorias rígidas que perpassam por mudanças bruscas e repentinas, mas sim sutis e constantes, visto que:

Não só cada gênero está em incessante **alteração**, também está em contínua **mudança** de seu repertório, pois, a medida que as esferas da atividade se desenvolvem e ficam mais complexas, gêneros desaparecem ou aparecem, os gêneros diferenciam-se, gêneros ganham um novo sentido (Fiorin, 2022, p. 72-73, grifos nossos).

Ainda se tratando da problemática do gênero, Hoey (1986) destaca o fenômeno das chamadas *colônias discursivas*. Nesse tipo de texto, há um conglomerado de diversos textos internos (e, portanto, gêneros) que não possuem as mesmas

⁸ Mito de que o sujeito falante, assim como a personagem bíblica Adão, produz seu discurso a partir do vácuo, do nada, isto é, o falante como fonte total de seu discurso, sem correlações com os discursos passados.

características de textualidade se comparados aos gêneros *mainstream*⁹. São características das *colônias discursivas*: 1) a significação não deriva da sequência dos textos internos; 2) unidades adjacentes não formam uma prosa contínua; 3) existe um contexto estruturado; 4) não existe um só autor; 5) um componente pode ser usado sem referência aos demais; 6) os componentes podem ser reimpressos ou usados em trabalhos subjacentes; 7) os componentes podem ser somados, alterados ou subtraídos; 8) muitos componentes servem a mesma função; e 9) existem sequências alfabéticas, numéricas ou temporais estabelecidas entre os componentes. São exemplos de *colônias discursivas* os catálogos, os livros de hinos, as constituições, as listas de endereços, os jornais, os livros de receita, os horóscopos e, entre outros, as enciclopédias¹⁰.

Outro aspecto importante dos gêneros é sua materialidade, isto é, seu suporte. Segundo Marcuschi (2003), todo gênero possui uma dimensão física ou virtual que permite sua circulação na sociedade, e cada gênero faz determinadas exigências sob seu suporte¹¹. Ainda conforme o autor, são características dos suportes: a) são um lugar físico ou virtual; b) possuem um formato específico, não são amorfos; c) servem para fixar ou mostrar o texto. Ademais, há determinados meios físicos que são comumente mais utilizados como suportes, é o caso dos chamados *suportes convencionais*, como os livros, revistas, quadros de avisos, outdoors, encartes, folders, etc.; mas também há meios físicos que não tipicamente fixam textos, mas podem ser usados para tal, são os chamados suportes *incidentais*, como embalagens, para-choques, corpo humano, roupas, paredes, etc.

Continuando a problemática do suporte, Marcuschi (2003) ainda denota dois fenômenos: a reversibilidade das funções e a reversibilidade das formas. O primeiro denota a mudança de funcionalidade que um gênero pode sofrer ao ter seu suporte alterado, a exemplo, quando o gênero tabela nutricional sai de suporte típico (a embalagem) para outro, como o livro didático, ela perde seu valor informativo, pois se desassocia do produto, servindo a uma nova função, no caso, a pedagógica (compreender como uma tabela nutricional se organiza). O segundo denota a mudança nas propriedades que um gênero pode sofrer ao ter seu suporte alterado, a exemplo, um texto online (como um blog) repleto de hiperlinks perde parte de sua funcionalidade de *hiperlinkagem* quando impresso, isto é, quando seu suporte se torna o papel em vez do site.

⁹ Entende-se *mainstream* como os textos amplamente estudados pela Linguística Textual e possuidores de coerência e coesão em um modelo linear, formando um todo.

¹⁰ Em um estudo das propriedades da enciclopédia como colônia discursiva, Teixeira (2002) demonstrou como as nove características das colônias discursivas estão presentes no gênero enciclopédico. Isso se dá pois: 1) a significação total da obra deriva do conjunto de verbetes que a compõe, e não da significação individual destes; 2) os verbetes não formam uma prosa contínua, visto que a ordem alfabética coloca conceitos muitos afastados na mesma página; 3) o contexto de leitura é estruturado, isto é, há uma forma de leitura particular (de pinçar certa informação desejada); 4) os verbetes são construídos por diversos autores; 5) os verbetes não necessariamente mencionam outros verbetes e, de certo, não mencionam todos os demais, pois seria ilógico; 6) os verbetes podem ser reimpressos individualmente; 7) em novas impressões, a soma, a subtração ou a alteração de verbetes não altera o todo da enciclopédia; 8) muitos verbetes se associam a mesma função; e 9) há uma ordem alfabética. Em suma, para Teixeira (2002), as enciclopédias são colônias discursivas.

¹¹ Por razões didáticas, convém alguns exemplos. Gêneros burocráticas, como a ata ou o relatório dificilmente se adaptariam a serem suportados em paredes ou camisas, pois é prototípico o texto ser inscrito numa página de papel. Da mesma forma, é “estranho” falar em “grafites” em papéis, pois o suporte prototípico é a parede ou muro.

A problemática da genericidade ainda possui outro fator que complexifica sua análise: a construção de cenografias. Conforme Maingueneau (2006), toda enunciação é atravessada por três níveis constituintes que elaboram diferentes cenas da enunciação: a *cena englobante*, a *cena genérica* e a *cenografia*. A cena englobante refere-se ao tipo de discurso ao qual o enunciado se associa (Discurso Religioso, Discurso Político, Discurso Literário, Discurso Midiático, etc.), de modo que oriente os participantes do ato de linguagem de forma mais geral com as esferas sociais e as ideologias através de determinada enunciação. A cena genérica diz respeito ao gênero discursivo e, assim, orienta expectativas através do estabelecimento de um contrato comunicativo que identifica determinadas identidades, determinadas finalidades para a interação, determinados dispositivos (recursos semiolinguísticos) e determinado tema a ser tratado. Por fim, na superfície do texto, é possível a presença de uma cenografia, isto é, de elementos *atípicos* ao gênero estabelecido, de forma a deixar a cena genérica mais opaca, utilizando recursos que não atendem às expectativas contratuais estabelecidas. A construção de uma cenografia pode criar diversos efeitos a depender de como ela é construída na enunciação e de qual cena genérica é deixada mais opaca.

Alguns gêneros possuem maior tendência a aceitar ou não certas cenografias. Os gêneros do Discurso Publicitário (como propagandas, anúncios, etc.) se validam do uso de cenografias para criar diversos efeitos nos possíveis leitores (divertir, impressionar, colocar valores em cheque, etc.) como forma de atingir a finalidade de fazer-fazer (fazer-comprar um serviço ou produto). Entretanto, outros gêneros mais protocolares não aceitam de maneira tão razoável as cenografias, como os formulários, os recibos, os bilhetes, os currículos, etc. Pensando no caráter de consulta da enciclopédia como gênero, evidencia-se que esse gênero também não se mostra um espaço propício para a construção de cenografias, pois possui uma cena genérica marcada por estabilidade mais rígida se comparada a outros gêneros.

Da genericidade na Análise do Discurso

Na perspectiva da Análise do Discurso (AD), o gênero é uma categoria fundamental para a compreensão dos fenômenos discursivos. Charaudeau (2004) reformula a problemática da análise da genericidade com critérios semiolinguísticos e discursivos: a) as *marcas formais* de um texto em sua construção semiótica; b) a *organização do material discursivo*, isto é, os modos de organização do discurso; c) as *visadas constituintes* que orientam para a situação comunicativa e para o contrato comunicativo. Cada um dos critérios permite uma descrição parcial dos aspectos semióticos e situacionais de um texto, gerando dados para a análise de um todo genérico.

As *marcas formais*, conforme Charaudeau (2004), se referem às características propriamente gramaticais e lexicais dos textos. Dessa forma, compreende-se os recursos da materialidade linguística como escolha de pessoa gramatical (1ª, 2ª ou 3ª, além de se estão na forma singular ou plural), o tipo de estrutura sintática (períodos simples ou compostos, se há coordenação ou subordinação), a natureza das escolhas lexicais (mais técnicas ou mais afins à linguagem comum), etc., ou seja, tudo que se dá no nível de uma análise linguística composicional.

Já a *organização do material discursivo*, ao enunciar os falantes, mobiliza certas categorias da língua para organizar as informações de determinada forma discursiva a fim de causar determinados efeitos, isto é, em certos modos de organização do discurso (MODs). Nesse sentido, conforme Charaudeau (2008), os MODs são quatro: enunciativo, descritivo, narrativo e argumentativo, e o primeiro

comanda os três últimos (chamados modos enuncivos). O MOD enunciativo estabelece as perspectivas da própria enunciação para os participantes do ato de linguagem através de três diferentes atos: o ato alocutivo (que estabelece perspectivas hierárquicas na relação dos participantes), o ato elocutivo (que marca a postura epistemológica do enunciador com seu dito) e o ato delocutivo (que demarca a autenticidade do dito como autoral com ou relatado). Sobre os MODs enuncivos, o MOD descritivo estabelece seres no mundo e os caracteriza; o MOD narrativo sequencia ações dos seres do mundo; e o MOD argumentativo estabelece julgamentos sobre o mundo.

Por fim, as *visadas constituintes*, segundo Charaudeau (2012), são fundamentais para a compreensão do contrato comunicativo. As visadas são indícios da intencionalidade do enunciador, demonstrando que há algo que este deseja fazer mediante o uso da linguagem (fazer-fazer, fazer-prazer, fazer-saber, etc.) em relação a outro. Nesse sentido, as visadas organizam a finalidade do ato comunicativo, isto é, *o que viemos fazer*. Além da finalidade, também compõem o contrato comunicativo os sujeitos do ato de linguagem (as identidades sociais dos participantes), o tema (do que se trata o ato de linguagem, o assunto) e o dispositivo (as condições espaço-temporais, socio-históricas e materiais de produção textual). Todos esses elementos são importantes na análise genérica, pois cada gênero prescreve um determinado contrato com tais elementos determinados. Entretanto, as visadas têm papel central, pois indicam a finalidade de um dado texto, permitindo associá-lo a um determinado gênero, visto que cada gênero possui uma finalidade comunicativa relativamente estável. A tabela *Visadas discursivas na perspectiva de Charaudeau* (tabela 1) apresenta e caracteriza as principais visadas.

Tabela 1 - Visadas discursivas na perspectiva de Charaudeau

Visadas	Atitude Pragmática do “Eu”	Posição do “Tu”
De PRESCRIÇÃO	Quer “mandar fazer”, tendo autoridade para sancionar.	De “dever fazer”
De SOLICITAÇÃO	Quer “saber”, e ele está, então, em posição de inferioridade de saber diante do “TU”, mas legitimado em sua demanda.	Está em posição de “dever responder” à solicitação.
De INCITAÇÃO	quer “mandar fazer”, mas, não estando em posição de autoridade, como no caso da prescrição, não pode senão incitar a fazer, ele deve, então, “fazer acreditar” (por persuasão ou sedução) ao “TU” que ele será o beneficiado de seu próprio ato.	Está, então, em posição de “dever acreditar” que, se ele age, é para o seu bem.
De INFORMAÇÃO	Quer “fazer saber”, e ele está legitimado em sua posição de saber.	Encontra-se na posição de “dever saber” alguma coisa sobre a existência dos fatos, ou sobre o porquê ou o como seu surgimento.
De INSTRUÇÃO	Quer “fazer saber-fazer”, ele se encontra ao mesmo tempo em posição de autoridade de saber fazer e de legitimação para transmitir o saber-fazer.	Está em posição de “dever saber-fazer”, segundo um modelo (ou modo de emprego) que é proposto por “EU”.
De DEMONSTRAÇÃO	Quer “estabelecer a verdade e mostrar as provas”, segundo uma certa posição de	Está em posição de ter que receber e “ter que avaliar” uma verdade e, então, ter a

	autoridade de saber (cientista, especialista, expert).	capacidade de fazê-lo.
--	--	------------------------

Fonte: Vale (2007) com base em Charaudeau (2004; p. 23 - 24)

Analizando a EAS

Valendo-se da proposta de Charaudeau (2004), os quatro volumes da EAS foram analisados a fim de encontrar padrões de marcas formais da presença de modos de organização dos discursos enuncivos e enunciativos e das visadas constituintes. Um pequeno recorte desse procedimento de análise pode ser encontrado na tabela *Exemplo de modo de análise empregada* (tabela 2).

Tabela 2 - Exemplo do modo de análise empregada

Textos	Paginação	Níveis de organização do discurso									Gênero sugerido
		Características formais	Discurso		Situacional						
			M.O.D.s		Visadas						
			Enunciativos	Enuncivos	Prescrição (fazer-fazer)	Solicitação (fazer-fazer-saber)	Incitação (fazer-prazer)	Informação (fazer-saber)	Instrução (fazer-saber-fazer)	Demonstração (fazer-creer)	
Capa	0	Sintagmas nominais, logos, ilustrações	Delocutivo	Descritivo					1		Capa
Folha de rosto	0	Sintagmas nominais, logos, ilustrações	Delocutivo	Descritivo					1		Informativo
Índice	I - XIII	Lista alfabética, sintagmas nominais, numerações	Delocutivo	Descritivo						1	Sumário
Prefácio	1 -3	1ª pessoa; substantivos abstratos vagos, qualificações	Alocutivo	Argumentativo						1	Publicidade
Exaltação à Mulher	4	Vocativos; denominações, qualificações	Alocutivo	Descritivo				1			Invocação

Fonte: Elaborada pelos autores, 2025.

Através da análise das partes que constituem a *EAS*, foi encontrada uma série de diversos gêneros (ou subgêneros), além do verbete, com base nos princípios de Charaudeau (2004); são eles: capa, informativo, sumário, publicidade, exaltação, coluna de fofoca, piada, moral, manual, imagem didática, lei, defesa de ponto de vista, resposta médica, aviso, apresentação de dados estatísticos, guia de identificação, instrução, divagação, relato, escala, campanha e mantra.

A respeito das marcas formais, os quatro volumes possuem uma alta diversidade desses aspectos. Alguns dos textos são totalmente impessoais, utilizando 3ª pessoa gramatical, termos técnicos e linguagem mais referencial (são exemplos dedicados a aspectos da biologia humana no geral, como os textos *Informações básicas relativas à sexualidade humana*, v. 1 p. 16 - 64, e *Assuntos Sexuais*, v. 4, p. 434 - 483). Por outro lado, há textos mais subjetivos, valendo-se de linguagem metafórica, uso de primeira pessoa e linguagem menos denotativa (são exemplos os textos ligados principalmente à temática amorosa, como *Amor Carnal e Amor Espiritual*, v. 2 p. 119 - 120, e *O que é felicidade?*, v. 3 p. 347). Ademais, o que mais “salta aos olhos” para um texto com o título *Enciclopédia* é o uso de formas injuntivas (*deve, escolha, faça, etc.*) em alguns textos, tais como *Sugestões para um casamento* (v. 1 p. 9 -10) e *Secreções na mulher* (v. 3 p. 275 - 276), esse último dedicado à argumentação do papel da higiene feminina na manutenção saudável do casamento; logo, um *manual de higiene* em essência. Tais marcas formais distintas nos textos são notórias quando contrastadas a fragmentos como:

São órgãos glandulares duplos, localizados na escavação pelviana, situados de cada lado da coluna vertebral. São assim denominados ovários porque fabricam as células denominadas **óvulos**. São órgãos avermelhados, em forma de amêndoa, com o peso de seis a oito gramas. Durante as menstruações, aumentam de volume. O ovário direito acha-se bem próximo ao apêndice (Knox, 1981d, p. 469 - verbete: Ovários).

1. Escolha a moça.
 2. Concorde com o pai dela em política e com a mãe em religião.
 3. Se tiver um rival, vigie-o; se ele for viúvo, vigie-o duplamente.
- (Knox, 1981a, p. 9 - verbete: Sugestões para um casamento).

O fragmento de *Ovários* conta com linguagem puramente referencial, marcada pela terceira pessoa. A primeira sentença trata-se de uma definição do termo, seguida de uma explicação sobre a razão do termo possuir tal nome, seguida de caracterizações desse órgão em relação à aparência e localização no corpo humano. Vê-se a utilização de quantificações objetivas (“6 a 8 gramas”), utilização de itens lexicais técnicos (“células”, “apêndice”, “óvulos”), características esperadas de uma enciclopédia. Entretanto, no fragmento de *Sugestões para um casamento*, as características formais são totalmente distintas: há o uso de enumerações que compõem um *passo a passo*, formas no imperativo (“escolha”, “concorde”, “vigie”), aliás, que não se trata de uma questão referencial, mas de uma injunção.

Por fim, sobre os aspectos formais, há um dado relevante nos títulos dos textos que compõem a obra: nas enciclopédias convencionais, os títulos dos verbetes se resumem a itens lexicais e sintagmas nominais, ao passo que na *EAS*, para além desses dois tipos, há um terceiro muito comum, a forma da sentença interrogativa. Este é o caso de textos como: *Qual o maior desafio sexual da mulher?* (v. 3 p. 335 - 336), *Por que alguém resolve torna-se homossexual?* (v. 3 p. 375) e *Por que falar apenas das mulheres? Os homens também não passam pela menopausa?* (v. 4 p.

390). Essa característica de títulos na forma interrogativa é uma característica que afasta a *EAS* do gênero *enciclopédia*.

Sobre os modos de organização, faz-se necessário destacar individualmente a presença dos atos enunciativos e dos MODs enuncivos. Sobre os atos enunciativos, o ato delocutivo é o mais representativo, pois poucas vezes há a demarcação hierárquica enunciadador-enunciatário (característica do ato alocutivo) e menos ainda há a demarcação da postura do enunciadador com o seu dito (característica do ato elocutivo), visto que a maioria dos textos concentra-se na autenticidade do dito como algo que não parte do autor, mas de um saber externo, logo, marcando significativamente a presença do ato delocutivo.

Embora ocorra significativamente menos que o ato delocutivo, a presença de atos alocutivos é outro elemento que se mostra estranho a uma *enciclopédia* (gênero notoriamente impessoal). Na *EAS*, o ato alocutivo geralmente vem acompanhado das já citadas formas injuntivas, demarcando sempre uma posição hierárquica superior do enunciadador em relação ao enunciatário, tendo o enunciadador a identidade de um especialista que orienta um leigo sobre um assunto. Esse é o caso dos textos *Educação Sexual* (v.1, p. 5 - 8), em que se advoga a favor da educação sexual, e *Para quem vai se casar* (v. 1, p. 11 - 15), em que se enumera uma lista de motivações que não justificam um casamento. O fragmento abaixo exemplifica como tal alocação se encontra nos textos:

1. Não se case sem amor. Um casamento sem amor é poucas vezes feliz. Há sempre o perigo de aparecer um homem ou mulher mais atraente, que destruirá a união, causando infelicidade.
2. Não se case por dinheiro. Nada há de mais sórdido que um casamento por dinheiro e, em muitos casos, ele não vale o preço que se pagou. O homem que se casa por dinheiro vende muito caro sua liberdade (Knox, 1981a, p. 11 - verbete: Para quem vai casar).

Mesmo que não haja a presença marcada de um *Eu* no discurso (*os fatos se narram por si só*), uma característica da delocução, o excerto acima se dá pela presença de uma injunção, isto é, da marcação de uma hierarquia entre o enunciadador (superior) e o enunciatário (inferior), através principalmente da marca formal de verbos no imperativo (“case”) e do pronome “se”. As demais sentenças também atuam como indicadores da injunção, pois demonstram argumentos que justificam a ação desejada. Assim, o enunciadador atribui a si mesmo o poder de estabelecer uma ação a se realizar e estabelece ao enunciatário uma posição de obrigação de fazer, além de ser tido como capaz de tal, pois a recusa dessa obrigação resulta em penalidade, neste caso, a própria infelicidade matrimonial. Evidentemente, não se trata de uma prática imediata, mas de uma formação de postura de modo que o enunciatário saiba como fazer, neste caso, como se casar. Novamente, a *EAS* se afasta das características de uma *enciclopédia*.

Em relação aos MODs enuncivos, há uma presença significativa do MOD descritivo. Ao primeiro olhar, ela parece ser uma característica que aproxima a obra em análise das demais enciclopédias; entretanto, é necessário compreender melhor como essa descrição se dá, pois há diversos gêneros que utilizam o MOD descritivo, como as leis. Nesse sentido, os textos *Lei do Divórcio* (v. 2 p. 131 - 151) e *Direitos e deveres da mulher* (v.2 p. 161 - 162) são exemplos de textos que utilizam demasiadamente a descrição, mas sem serem verbetes:

Art. 35. A mulher casada não poderá exercer o direito de queixa sem consentimento do marido, salvo quando estiver dele separada ou quando a

queixa for contra ele (Knox, 1981b, p. 161 - verbete: Direito e deveres da mulher).

Neste caso, tem-se uma intertextualidade explícita com o Código de Processo Penal Brasileiro vigente na época. O fragmento, retirado do Código e presente na EAS, descreve em quais situações as mulheres casadas podem prestar queixas. Neste caso, atribuem-se características de legítima ou ilegítima a este ser (“queixa”) para as situações de legítima quando: a) com o consentimento do marido; b) quando dele separada; c) quando o marido for alvo da queixa. Subentende-se, portanto, que em outras situações a queixa torna-se ilegítima. Entretanto, o texto não se confunde com o gênero *verbetes*, pois trata não de uma questão de ordem referencial, mas sim de legitimidade, além de marca formal expressa por “Art.” em seu início, indicando um *artigo de lei*.

Voltando-se para os demais MODs, a *estranheza* da EAS continua: a constante presença do MOD argumentativo e os casos, mesmo que poucos, do MOD narrativo são um dado significativo para a análise. Sobre o MOD argumentativo, este aparece sob a forma principalmente dos gêneros *defesa de ponto de vista* e *manual*, pois são textos que visam apresentar um determinado ponto de vista como o correto do ponto de vista da moralidade (como *O Divórcio*, v. 2 p. 123 - 130, em que o enunciador conclui que o divórcio não possui nada de imoral) ou instruir como proceder em dada situação (como *A primeira noite de núpcias*, v. 2 p. 242 - 243, em que se orienta como proceder para evitar conflitos ou traumas). É notória a presença do MOD argumentativo no fragmento abaixo:

O casamento foi instituído por causa dos filhos, e, se for um fracasso e tiver de cessar, os interesses dos filhos devem ser sempre a primeira coisa a ter em conta. Qual será o efeito que sobre eles exercerá a separação dos pais? Não seria melhor que essa separação fosse adiada um pouco mais ou têm eles idade para compreender o que aconteceu? Estas são as questões que marido e esposa têm de pôr-se antes de resolverem pôr em andamento o rude maquinismo da lei. Estão de acordo? Permite a lei algum acordo? Não, mas a opinião pública permite (Knox, 1981b, p. 130 - verbete: O divórcio).

A *proposta sobre o mundo* em questão centra-se no mal que o divórcio pode trazer aos filhos de um casal; questiona-se essa problemática (o *quadro de problematização*), argumentando que os filhos devem ser a prioridade da decisão do casal optar ou não pelo término (marcado pela expressão “devem ser sempre a primeira coisa a ter em conta” - *avaliação no domínio do ético*). Em seguida, elenca-se um ponto interno a essa problemática, uma variável a ser levada em consideração: a capacidade de compreensão dos filhos. O ponto conclui que é necessário um movimento de compreensão anterior ao pedido de divórcio, que exige o “rude maquinismo da lei”. Mesmo que considerado uma sugestão ou conselho, ainda é um elemento estranho à natureza da enciclopédia como gênero do discurso.

Por fim, o MOD narrativo se encontra principalmente sob a forma do gênero *relato*, novamente, algo incomum para o padrão das enciclopédias. É o caso dos textos *O que acontece, então com os jovens homossexuais?* (v. 3 p. 375 - 376) e *As mulheres homossexuais também começam do mesmo modo?* (v. 3 p. 377). Vejamos um excerto:

Conheci uma moça no trabalho, no verão passado, e estabelecemos este louco relacionamento. O marido dela estava fora e ela me pediu que lhe fizesse companhia, pois tinha medo de ficar sozinha. Só dispunha de uma cama, e assim dormimos juntas. Na primeira noite, ela tentou chegar-se a

mim, porém eu disse ‘não’ e ela não insistiu. Pouco a pouco, porém, nos apaixonamos, e uma noite, quando ela estava dormindo eu não pude controlar-me. Enfiei-lhe o dedo, mordi-a e fiz tudo, mas ela fingiu que continuava a dormir (Knox, 1981c, p. 377 - verbete: As mulheres homossexuais também começam do mesmo modo?).

É necessário, antes de tudo, contextualizar o fragmento acima. Tal relato gira em torno de três personagens: a) a narradora, b) sua amizade homoerótica, e c) o marido de sua amiga e alvo da traição. A temática é de cunho afetivo-sexual (definida como um “louco relacionamento”), e nota-se uma progressão de um ponto inicial de desinteresse (“eu disse ‘não’ e ela não insistiu”) até o ápice do ato sexual. Independentemente de ser encarado como uma história de amor ou de traição, trata-se de um elemento pouco esperado para o gênero enciclopédico, principalmente pelo caráter mais intimista, visto que a narração se dá em primeira pessoa.

Em suma, a presença dos MODs e atos enunciativos pode ser representada conforme a tabela *Presença de atos enunciativos e MODs* (tabela 3).

Tabela 3 - Presença de atos enunciativos e MODs

MODs	ENUNCIATIVOS			ENUNCIVOS		
	Alocutivo	Elocutivo	Delocutivo	Descritivo	Narrativo	Argumentativo
Volume I	10	0	20	13	2	15
Volume II	2	2	31	28	1	6
Volume III	8	0	48	22	2	32
Volume IV	6	3	30	28	0	10
Total	26	5	129	91	5	63

Fonte: Elaborada pelos autores, 2025.

Acerca das *visadas discursivas*, é necessário destacar que um texto pode possuir mais de uma visada, mas que uma ou no máximo duas (Charaudeau, 2004) atuam como visadas predominantes, coordenando o conjunto do texto. Nesse sentido, as visadas analisadas foram apenas as que constituíam os textos. Em decorrência disso, é necessário frisar que é possível que haja visadas de prescrição e solicitação em determinados segmentos, mas não atuando como constituinte de nenhum texto presente. Entretanto, é possível elencar hipóteses que justifiquem a ausência dessas visadas como constituintes. Primeiro, o fato de o texto se propor como fonte de informação (pelo título *Enciclopédia*) implica a ausência da visada de solicitação, visto que não seria crível um texto que tem papel de informar solicitar algo ao leitor. Ademais, sobre a visada de prescrição, não há no texto presença de segmentos que indiquem ao leitor uma atividade que ele deva fazer, apenas posturas ou comportamentos, isto é, ações intelectivas, justificando a presença de visadas do tipo fazer-saber-fazer (saber como identificar doenças, como se comportar na noite nupcial, como ser uma boa esposa etc.).

Além disso, as visadas que propriamente se destacam são, respectivamente, a visada de instrução, a visada de demonstração e a visada de informação. Notoriamente, imagina-se que a visada de informação (fazer-saber) aproxima a EAS do gênero enciclopédico; entretanto, não é tão simples assim: diversos gêneros são constituídos pela visada de informação, como os diversos do campo midiático, sendo necessário um olhar mais atento, voltado para as demais visadas presentes. Nesse sentido, as visadas de instrução e demonstração, que se mostram significativamente presentes, também devem ser consideradas. A visada de instrução se encontra em textos que visam instruir (fazer-saber-fazer) sobre conhecimentos sociais e posturas

médicas, respectivamente o caso dos textos *O beijo* (v. 1 p. 85 - 86) e *Podem os psiquiatras ajudar os homossexuais?* (v.3 p. 379 - 381). Já a visada de demonstração se encontra principalmente nos textos argumentativos presentes na obra, evidenciando um ponto de vista de modo que se creia que determina posição sobre a realidade é verdadeira, é o caso dos textos *Taras hereditárias e liberdade moral* (v. 2 p. 245 - 250) e *Qual a causa do homossexualismo?* (v. 3 p. 378 - 379). Tais visadas podem ser exemplificadas pelos excertos a seguir:

Pegue com a sua mão direita a mão esquerda; desça de mansinho a mão esquerda pelo ombro dela até alcançar-lhe a cintura. Não tenha pressa; puxe-a suave, carinhosa para junto do seu coração. A cabeça dela repousará em seu ombro para dar mais apoio (Knox, 1981a, p. 86 - verbete: O beijo).

No fragmento de *O beijo*, a presença das injunções sequenciadas como um passo a passo indica uma intencionalidade não de meramente informar, mas de instruir como realizar determinada ação, isto é, fazer-saber-fazer, neste caso, fazer-saber-beijar. Além das injunções, a presença de adjuntos adverbiais que indicam o modo como fazer (“suave”, “carinhosa”), além da indicação de o que utilizar para a ação (semanticamente o *instrumento* da ação) também são indícios de tal visada.

1. O homossexualismo **não** é uma condição hereditária. Há cem anos, a medicina explicava as situações mais delicadas e complicadas pondo a culpa nos defeitos genéticos do bisavô ou bisavó que jamais estavam por perto para se defenderem. Nos dias que correm, muito se sabe sobre genética para afirmar que os traços homossexuais não se transmitem de pais para filhos. Além disso, já que os homossexuais se entregam tão raramente a práticas heterossexuais, seria difícil produzir bastantes pequenos homossexuais para reabastecer a provisão (Knox, 1981c, p. 378 - verbete: Qual a causa do homossexualismo? - grifos do autor).

Já em *Qual a causa do homossexualismo?* é possível estabelecer uma dada intencionalidade de demonstrar uma verdade através de determinadas provas, neste caso, a de que a homossexualidade não é hereditária (verdade a ser demonstrada), uma vez que a genética muito avançou sobre o assunto, e a de que os homossexuais geralmente não se reproduzem, impossibilitando repassar essa característica.

De modo geral, a presença das visadas na obra pode ser representada conforme a tabela *Presença das visadas* (tabela 4).

Tabela 4 - Presença das visadas

Visadas	Prescrição	Solicitação	Incitação	Informação	Instrução	Demonstração
Volumes						
Volume I	0	0	4	12	13	1
Volume II	0	0	0	26	4	6
Volume III	0	0	0	17	5	17
Volume IV	0	0	0	24	8	7
Total	0	0	4	79	30	31

Fonte: Elaborada pelos autores, 2025.

Considerações finais

Diante do exposto, nota-se que a *Enciclopédia Atual do Sexo (EAS)* pouco se assemelha às enciclopédias: mesmo possuindo verbetes, a presença significativa das visadas de instrução e de demonstração, a recorrência do MOD argumentativo e alguns dos seus gêneros internos (aviso, instrução, exaltação, lei, etc.) parecem

corpos estranhos à forma enciclopédica. Nesse sentido, diremos que dois caminhos são possíveis para descrever a *EAS*: ou se trata apenas de um amontado de gêneros, atuando apenas como *suporte*; ou se trata de *outro gênero* que não o enciclopédico que o imita, mas possui outro fim.

Sobre ser meramente um suporte, não aparenta ser o caso. Mesmo com a diversidade de gêneros, a obra forma um todo: não sobre a temática sexual, mas sim da temática matrimonial. A organização interna e o modo de leitura em algum grau se aproximam da enciclopédia, pois se organiza em pequenos textos especializados e a leitura se dá de modo independente entre os textos; entretanto, isso também é uma característica de outras diversas colônias discursivas, não sendo exclusividade da *enciclopédia*. Ademais, as visadas podem ser interpretadas não como contraditórias, mas sim como complementares, isto é, uma obra que não visa apenas informar, mas também instruir e demonstrar, tudo somando para a formação de uma determinada *conduta moral*.

Assim, analisando os dados apresentados, a *EAS* apresenta características muito mais próximas a um *manual de conduta* do que a uma *enciclopédia*. Possui visadas ligadas a informar sobre o tema sexual e matrimonial, mas também instrui o leitor para saber-fazer determinados comportamentos e julgamentos sociais, além de demonstrar suas teses sobre a vida sexual e social, o que se dá através de um mix de descrição e argumentação. O uso de alocação acentua os momentos nos quais a injunção se faz mais enfática e a delocução atua gerando uma *impessoalidade profissional*, como se a conduta falasse por si própria.

Sobre o título, trata-se de uma construção de cenografia, na terminologia de Maingueneau (2006), que atua de modo a mascarar a cena genérica, apropriando-se da roupagem e do status social do gênero *enciclopédia*. Assim, evidencia-se que a *EAS* não tem as características discursivas esperadas de uma *enciclopédia*, visto que atua para regular a conduta, ou seja, não para *informar*, mas sim para *deformar* os seres, moldando-os, como a cama de Procusto, a um padrão “moral e cívico”.

Referências

BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. M. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016, p. 11 - 69.

BURKE, P. **Uma história social do conhecimento: II**: da Enciclopédia à Wikipédia. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

CHARAUDEAU, P. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In.: MACHADO, I. L; MELLO, R. (orgs) **Gêneros**: reflexões em análise do discurso. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, p. 13-41, 2004.

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso**: modos de organização. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, P. O Contrato de comunicação na sala de aula. **Inter-Ação**, Goiânia, v. 37, n. 1-14, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/interacao/article/view/18861/11231>. Acesso em: 20 jun. 2025.

COSTA, S. R. **Dicionário de gêneros textuais**. 1. ed. São Paulo: Autêntica, 2008.

CORBISIER, R. **Enciclopédia filosófica**. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

DIONÍSIO, A. P; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

ECO, U. **Da árvore ao labirinto**. Rio de Janeiro: Record, 2021.

ENCICLOPÉDIA. In: **Enciclopédia Barsa**. vol. 6. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica do Brasil, 1994, p. 496 - 501.

ENCICLOPÉDIA. In FERREIRA, A. B. H. **Mini Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. 8 ed. Curitiba: Positivo, 2010, p. 284.

ENCICLOPÉDIA. In: HOUAISS, A., VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009, p. 749.

ENCICLOPÉDIA. In: **Larousse Cultural: dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Universo, 1992, p. 406.

ENCYCLOPEDIA. In **Encyclopedia e Dicionario Internacional**. vol. 7. Rio de Janeiro: W. M. Jackson INC, [s.d.], p. 4034 - 4035.

FIORIN, J. L., **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2022, p. 67 -83. Acesso em: 20 mai. 2025.

GIL, F.; RODRIGUES, J. R. **Enciclopédia Einaudi**. vol. 1. Porto: Imprensa Nacional-Casa da Moeda (Portugal), 1984.

HOEY, M. The discourse colony: a preliminary study of a neglected discourse type. In: COULTHARD, M. **Talking about text**. Birmingham: University of Birmingham, 1986, p. 1 - 25.

KNOX, E. T. **Enciclopédia Atual do Sexo**, vol. 1. Rio de Janeiro: Editora Fase LTDA, 1981a.

KNOX, E. T. **Enciclopédia Atual do Sexo**, vol. 2. Rio de Janeiro: Editora Fase LTDA, 1981b.

KNOX, E. T. **Enciclopédia Atual do Sexo**, vol. 3. Rio de Janeiro: Editora Fase LTDA, 1981c.

KNOX, E. T. **Enciclopédia Atual do Sexo**, vol. 4. Rio de Janeiro: Editora Fase LTDA, 1981d.

MACHADO, I. Gêneros discursivos. In BRAIT, B. (org). **Bakhtin: Conceitos-Chave**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2012, p. 151 - 166.

Artigo Científico

MAIA, E. D., VELLOSO, V. P. Dicionários e Enciclopédias como Divulgação Científica nos séculos XVIII e XIX. **Anais do 17º Seminário nacional da História da Ciência e Tecnologia**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2020.

MAINGUENEAU, D. **Discurso Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

MARCUSCHI, L. A. A questão do suporte dos gêneros textuais. **Língua, linguística e literatura**. João Pessoa, v. 1, n. 1., 2003.

NUNES, J. H. Para uma história do discurso enciclopédico no Brasil. **Anais do XXVII Encontro Nacional da Anpoll**. Niterói: UFF, 2012. Disponível em: <https://www.labeurb.unicamp.br/anpoll-2010-2012/resumos/josehorta.pdf>. Acesso em: 25 de maio 2025.

SILVESTRE, J. P. A tradução do discurso enciclopédico para a língua portuguesa: barreiras linguísticas e culturais no início do século XVIII. Miguel, M. A C. Et al. **Actas do I Colóquio de Tradução e cultura**. Ponta Delgada, Universidade dos Açores, p. 247-255, 2006. Disponível em: <https://sweet.ua.pt/jpsilvestre/26.pdf>. Acesso em: 25 de maio 2025.

TEIXEIRA, M. C. Enciclopédia eletrônica: semelhanças e diferenças com o documento tradicional. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, Florianópolis/SC, Brasil, v. 7, n. 14, p. 19–37, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2002v7n14p19>. Acesso em: 20 jun. 2025.

TODOROV, T. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

VALE, R. P. G. **Almanaques farmacêuticos: gênero ou suporte?** (uma discussão a respeito das possibilidades de classificação desse tipo de periódico). UFV: Viçosa, 2007 (Trabalho de conclusão de curso).

Informações complementares

Descrição		Declaração
Financiamento		Não se aplica.
Aprovação ética		Não se aplica.
Conflito de interesses		Não há.
Disponibilidade dos dados de pesquisa subjacentes		O trabalho não é um <i>preprint</i> e os conteúdos subjacentes ao texto da pesquisa estão contidos neste artigo.
Uso de Inteligência Artificial		Não há.
CrediT	João Antônio Lopes da Silva	Funções: curadoria de dados, análise formal, investigação, escrita – rascunho original.
	Rony Petterson Gomes do Vale	Funções: conceituação, metodologia, administração do projeto, supervisão, visualização, escrita – revisão e edição.

Avaliadores: Dra. Solange Marilene Melchior do Prado (Faculdade Uniguaiçu. Paraná, Brasil). O avaliador “A” optou pela avaliação fechada e pelo anonimato.*

Revisor do texto em português: Marco Aurélio Mello.

Revisora do texto em inglês: Patrícia Luciano de Farias Teixeira Vidal.

Revisora do texto em espanhol: Graziani França Claudino de Anicézio.

Como citar (ABNT):

SILVA, João Antônio Lopes da; VALE, Rony Petterson Gomes do. Da Enciclopédia de Procusto: análise da genericidade da enciclopédia atual do sexo. **Revista Sítio Novo**, Palmas, v. 10, p. e1929, 2026. DOI: 10.47236/2594-7036.2026.v10.1929. Disponível em: <https://sitionovo.ifto.edu.br/index.php/sitionovo/article/view/1929>.

* Optou pela avaliação aberta e autorizou somente a divulgação da identidade como avaliadora no trabalho publicado.